

/traduções

# Glossário Simondon

**Jean-Hugues Barthélémy<sup>1</sup>**

[ T R A D U Ç Ã O ]

**Cezar Helehna Prado**

*Universidade Federal do Paraná (UFPR)*  
<https://orcid.org/0000-0001-9855-1916>  
cezarprado.m@gmail.com

**Gabriel Pereira Gioppo**

*Universidade Federal do Paraná (UFPR)*  
<https://orcid.org/0000-0001-5567-7607>  
gabrielprgioppo@gmail.com

**Matheus Scartezini Pedrini<sup>2</sup>**

*Universidade Federal do Paraná (UFPR)*  
<https://orcid.org/0009-0000-0145-7078>  
pedrini.coragem@gmail.com

## Nota preliminar dos tradutores

Por longo tempo, Gilbert Simondon (1924 - 1989) foi um autor desconhecido, tanto na França quanto fora dela. Trata-se de um filósofo que, hoje mais que nunca, influencia decisivamente campos de reflexão tais como a técnica e a filosofia da ciência. Sua obra mais importante, defendida como tese principal de doutoramento, foi publicada integralmente apenas em 2004, em língua francesa, sob o título

---

<sup>1</sup> Jean-Hugues Barthélémy é professor de liceu em Poitiers e pesquisador HDR (Habilitação para Orientação de Pesquisas) na Universidade Paris-Nanterre, também *agrégé* em filosofia e doutor em epistemologia.

<sup>2</sup> Cezar Helehna Prado e Gabriel Pereira Gioppo são mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Matheus Pedrini é doutorando pelo mesmo programa.

*Individuação à luz das noções de forma e de informação* [*Individuation à la lumière des notions de forme et d'information*]. Sua obra mais famosa, atrelada à primeira como tese complementar, trata *Do modo de existência dos objetos técnicos* [*Du mode d'existence des objets techniques*]. Este último livro, publicado integralmente em 1958, teve repercussões maiores no cenário filosófico francês da própria época, incidindo sobre pensadores como Gilles Deleuze et Félix Guattari, através dos quais Simondon significou uma preciosa descoberta para muitos.

Este *Glossário Simondon*, escrito por Jean-Hugues Barthélémy e publicado no volume 16 (2015) da revista *Appareil*<sup>3</sup>, significou um marco nos estudos da filosofia simondoniana pela precisão analítica e pelo amplo escopo da sua síntese didática. Apresentando, sob a forma de verbetes, cinquenta entradas possíveis no labirinto nocional de Simondon, e tendo como objetivo mapear as mais importantes referências textuais assim como os encadeamentos argumentativos fundamentais, o *Glossário* aqui traduzido em língua portuguesa torna ainda mais acessível para todo um público uma obra que vem ganhando grande relevância nos debates filosóficos das últimas décadas.

A ideia desta tradução surgiu, a partir de pesquisas coletivas realizadas desde 2020, no âmbito do GES-UFPR (Grupo de Estudos Simondonianos, ligado ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná) e em torno das obras principais de Simondon. Através de discussões junto ao próprio autor sobre as especificidades da tradução, levamos a cabo este trabalho que espera contribuir para novos horizontes filosóficos no Brasil e nos demais países lusófonos.

Dentre estas especificidades, temos algumas considerações: em primeiro lugar, sobre a diferença entre *rapport* e *relation*, duas palavras geralmente traduzidas como “relação”, mas possuindo rigorosa distinção na filosofia de Simondon. Seguimos, aqui, a sugestão de Eduardo Viveiros de Castro em “O nativo relativo”<sup>4</sup>: o

<sup>3</sup> Link para o texto completo, em francês: <https://journals.openedition.org/appareil/2253> (acesso: 30/10/2023).

<sup>4</sup> *Mana*, 8 (1), 2002, p. 141, nota 2.

antropólogo opta pelo termo “conexão” para traduzir “*rapport*” e “relação” para traduzir “*relation*”. Esta distinção aparece em *A individuação sob a noção de forma e informação*, tratada explicitamente por Simondon no Capítulo II, Seção I.

Em segundo lugar, optamos por traduzir diretamente do francês as passagens das obras simondonianas citadas por Barthélémy, tenham elas ou não versões em português. Das obras publicadas, temos somente duas – *A individuação à luz das noções de forma e de informação* (Editora 34, 2020) e *Do modo de existência dos objetos técnicos* (Editora Contraponto, 2020) – nas quais encontramos diversas imprecisões. Ao lado da paginação original, mantida no texto, colocamos entre colchetes a paginação das edições traduzidas, visando garantir àqueles sem acesso ao texto original uma dinâmica mais favorável à consulta e à pesquisa nas edições disponíveis. Por ser o único documento não traduzido na versão brasileira de ILFI, a seção “História da noção de indivíduo”, localizada entre as páginas 357 e 520 da edição francesa de 2017, não foi incluída nos colchetes.

*Os tradutores*

---

### **Lista das abreviações utilizadas para designar os textos de Simondon.**

CI : Communication et information, Chatou, Éditions de la Transparence, 2010 (recueil de textes).

CSI : « Cours sur l’instinct », in Simondon, CI (ver abaixo).

CSP : Cours sur la Perception, Chatou, Éditions de la Transparence, 2005 (Curso de 1964-1965).

FIP : « Forme, information, potentiel » (conferência de 1960, adicionada pelo editor), in Simondon, ILFI et IPC (ver abaixo)

HNI : « Histoire de la notion d’individu » (texto adicionado pelo editor), in Simondon, ILFI (ver abaixo).

IGPB : L'individu et sa genèse physico-biologique, Grenoble, Éditions Jérôme Millon, 1995 (esta obra contém os dois primeiros terços de ILFI, assim como sua Introdução e sua Conclusão).

ILFI : L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information, Grenoble, Éditions Jérôme Millon, 2005 (Tese principal de Simondon para o Doutorado de Estado, escrita entre 1954 e 1958) [Edição brasileira: *Individuação à luz das noções de forma e de informação*. Trad. Luís Eduardo Ponciano Aragon & Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2020].

IMIN : Imagination et invention, Chatou, Éditions de la Transparence, 2008 (Curso de 1965-1966).

IPC : L'individuation psychique et collective, Paris, Aubier, 1989 et 2007 (esta obra contém o último terço de ILFI, assim como sua Introdução e sua Conclusão).

IT : L'invention dans les techniques, Paris, Seuil, 2006 (conjunto de textos).

MEOT : Du mode d'existence des objets techniques, Paris, Aubier, 1958 (Tese complementar de Simondon para o Doutorado de Estado, escrita entre 1954 e 1958) [Edição brasileira: *Do modo de existência dos objetos técnicos*. Trad. Vera Ribeiro. Contraponto, 2020].

MT : « Mentalité technique », Revue philosophique de la France et de l'Étranger, no 3/2006.

NC : « Note complémentaire sur les conséquences de la notion d'individuation » (texto adicionado pelo editor), in Simondon, ILFI et IPC (ver abaixo).

### **ALIENAÇÃO [*Aliénation*]**

No Capítulo II da Segunda Parte de MEOT, assim como na Conclusão dessa obra, Simondon reprova Marx por não ter pensado suficientemente a alienação “psicofisiológica” sofrida pelo trabalhador no âmbito do maquinismo.

Com efeito, por trás da alienação no sentido “econômico-social” do termo (MEOT, p. 118 [185-6]) – que é ligada à propriedade privada dos meios de produção criticada pelos marxistas – existe uma alienação mais fundamental que é “física e mental”, como dirá igualmente Georges Friedmann na mesma época em *Le travail en miettes* [O trabalho em migalhas], depois em *Sept études sur l’homme et la technique* [Sete estudos sobre o homem e a técnica] – insistindo aí na presença de uma tal alienação nos próprios países comunistas. O trabalhador, tornado simples auxiliar da máquina, se encontra reduzido a um estatuto inferior àquele de “portador de ferramentas” – e, portanto, de “indivíduo técnico” – que o caracterizava anteriormente como trabalhador.

Ora, Simondon não defende uma condenação das máquinas, mas a sua “liberação” no sentido em que a *autonomização* do trabalho das máquinas nos novos *conjuntos* técnicos permitiria ao homem de estar doravante *acima* do estatuto de portador de ferramentas – a máquina tornando-se plenamente “indivíduo técnico” no lugar do homem, este último tornar-se-ia reparador e vigilante das máquinas. Tal concepção supõe, certamente, uma completa reforma do sistema do trabalho, este último a ser compartilhado para deixar as máquinas fazerem os trabalhos que alienavam até aqui o sujeito humano. Nesse sentido, Simondon se inscreve, nesse sentido, na corrente do “socialismo utópico”, concepção que a obra célebre *O fim do trabalho*, de Jérémy Rifkin, mostrou que ela é talvez aquilo para o que o progresso técnico vai nos obrigar – a utopia sendo assim utopia apenas para um egoísmo humano *separado das condições técnicas do devir social*. Nesse sentido, a alienação psicofisiológica é sustentada por outra alienação, a *cultural*, pois a cultura – e, no caso do Ocidente, a própria classe dos detentores do capital – ainda não compreendeu a *nova normatividade técnica*: “O indivíduo técnico não é da mesma época que o trabalho que o aciona e o capital que o enquadra” (MEOT, p. 119 [187]). Sobre a nova normatividade técnica, ver “Cultura e cultura técnica” e “Técnica/trabalho”.

### **ALAGMÁTICA [*Allagmatique*]**

Este termo dá o título a um dos “Suplementos” que foram adicionados ao IGPB, depois ao ILFI, na edição francesa das duas obras. A alagmática é a “teoria das operações”, e por isso mesmo que “ela é, na ordem das ciências, simétrica à teoria das estruturas, constituída por um conjunto sistematizado de ciências particulares: astronomia, física, química, biologia” (ILFI, p. 559 [559]). Compreendemos, aqui, que o projeto de uma alagmática, já formulado pelo ILFI e pelo MEOT em passagens nas quais Simondon dialogava com a cibernética, aproxima o projeto filosófico da ideia de uma ciência (ILFI, p. 561 [562]), mesmo se essa ciência filosófica nova é, por definição, transversal e unificante: enquanto que cada ciência positiva é uma ciência de *estruturas genéricas*, a alagmática é a ciência das *operações genéticas*: “a operação é aquilo que faz aparecer uma estrutura ou que modifica uma estrutura” (ILFI, p. 559 [560]).

### **ANALOGIA [*Analogie*]**

Do mesmo modo que o ILFI reabilita a filosofia da natureza em uma época (1958) que é antes aquela da fenomenologia (Merleau-Ponty) e do existencialismo (Sartre) na França, e do mesmo modo que o MEOT reabilita a técnica em um contexto bastante tecnofóbico, também uma das grandes questões do pensamento de Simondon em geral se liga a uma terceira reabilitação: aquela, *em filosofia*, da analogia, definida como “identidade de conexões” (ILFI, p. 563 [564]) – em *ciências*, a analogia não é constitutiva do próprio conhecimento, sendo somente *heurística*. Um texto que figura nos “Suplementos” do ILFI, intitulado “Teoria do ato analógico”, faz um balanço acerca do tema.

Ora, tal reabilitação da analogia em filosofia não se faz sem precisar suas condições restritivas de validade, e Simondon para isso distingue entre analogia *operatória* e analogia *estrutural*. A primeira é a única retida por ele, enquanto a segunda é apenas

“semelhança” (ILFI, p. 563 [565-6]). A filosofia, cujo papel é de unificar as ciências às quais falta a unidade (ver sobre esse ponto “Alagmática” e “Enciclopedismo”), é o “conhecimento” analógico, na medida em que ela cessa de objetivar o real para liberar os processos de gênese, os quais ela unifica segundo identidades de conexões operatórias, e dando como *solo metodológico* a estas analogias entre operações uma analogia *mental e reflexiva* entre a gênese dos seres e o pensamento mesmo dessa gênese. Simondon chama de “transdução” essa analogia entre as gêneses *que é também a própria operação de gênese*. Sobre a reflexividade não-objetivante do “conhecimento” filosófico, ver também a palavra “ontogênese”.

### **ANGÚSTIA [*Angoisse*]**

No segundo capítulo do IPC, Simondon dedica um subcapítulo decisivo (IPC, p. 111-114 ou ILFI, p. 255-257 [379-383]) a essa angústia pela qual Heidegger havia caracterizado o *Dasein*, mas ancorando-a desta vez na afetividade da qual é dotado o próprio vivente animal. A angústia é, assim, uma emoção muito particular que chama à realização, apesar de muito provavelmente impossível, do Eu [*Je*] sem o Nós. Isso significa que a passagem da individuação vital à individuação psicossocial ou “transindividual” através da “via transitória” psíquica deverá ser provocada por uma emoção diferente da angústia: contrariamente a esta última, a emoção que abre ao transindividual provoca uma “desindividuação” somente *provisória* permitindo ao “sujeito” se retomar pelo coletivo.

### **ANTROPOLOGIA [*Anthropologie*]**

Simondon dá um novo sentido – ele mesmo duplo – a essa noção, que se torna o nome de seu grande adversário na teorização da realidade humana e técnica. Com efeito, a palavra “antropologia” designa, em Simondon, duas grandes tendências ocidentais que se trata de combater:

- ❖ A tendência de separar o homem do vivente sob o pretexto de que o homem teria uma “essência” às vezes psíquica (Freud), às vezes sociais (Marx, Durkheim) – sem falar da mitológica “razão” humana (Aristóteles, Descartes, Kant) que Simondon nem mesmo se preocupa em discutir. Contra essa tendência, Simondon quer, no IPC e mais particularmente no Capítulo I de sua Segunda Parte, pensar o homem como um vivente tornado central e indissociavelmente psicossocial, o “psíquico puro” e o “social puro” sendo apenas “casos-limite” (IPC, p. 209 ou ILFI, p. 313 [465]). Por essa mesma via, ele visa no FIP uma refundação das ciências humanas que permita unificar a psicologia e a sociologia, artificialmente separadas uma da outra. Ver sobre este ponto as palavras “Axiomática” e “Transindividual”;
- ❖ A tendência de reduzir a técnica a um conjunto de meios ao serviço do trabalho humano. No MEOT, e mais particularmente em sua Conclusão, o paradigma do trabalho é assim criticado porque é ele que conduziu àquilo que o início da obra denuncia: o esquecimento da tecnicidade propriamente dita dos objetos técnicos, ou seja, o seu *funcionamento*, em favor do seu *uso* (ver MEOT, p. 19-20 [55-6]). São apenas estes usos que podem ser condenados e não a técnica em sua tecnicidade. Ora, essa crítica da concepção “antropológica” da técnica possui como força e como originalidade mostrar, no Capítulo II da Segunda Parte do MEOT, que existe, no entanto, uma dimensão humana valorizável no objeto técnico, mas que essa dimensão reside justamente lá onde menos se espera: no próprio funcionamento. Pois, *por um lado*, esse funcionamento do objeto é análogo aos esquemas mentais que agem uns sobre os outros no sujeito no momento em que ele inventa o objeto (ver MEOT, p. 138 [212-3]); e, *por outro lado*, aquilo que Simondon chama de “normatividade” da técnica é aquilo que se revela na idade *contemporânea* dos *conjuntos informacionais*, nos quais o funcionamento mesmo dos objetos técnicos permite a construção de uma “transindividualidade” ao mesmo tempo humana e técnica. É a cultura

do trabalho que barra a construção dessa transindividualidade. Ver também sobre este ponto “Técnica/trabalho”.

## **ARTE, OBJETO ESTÉTICO E “PENSAMENTO ESTÉTICO” [Art, *Objet Esthétique et « Pensée Esthétique »*]**

No Capítulo I da Terceira Parte do MEOT, a arte é apresentada como o “ponto neutro” entre técnica e religião, estas últimas resultando de uma “defasagem” da “unidade mágica primitiva”. Tal ponto neutro tem por função lembrar, certamente de maneira imperfeita, essa unidade perdida do “ser no mundo” do homem. O “pensamento estético” é, então, no Capítulo II da mesma Terceira Parte, aquele que precede o pensamento filosófico na tarefa de unificar as “fases da cultura”: tal como a filosofia, o pensamento estético é intuitivo, mas essa intuição não é ainda *reflexiva*.

A diferença entre a técnica como “fase da cultura” e a arte como “ponto neutro” entre as fases não significa que o objeto técnico não possa ser ao mesmo tempo objeto estético: “Todo objeto técnico, móvel ou fixo, pode ter sua epifania estética, na medida em que ele prolonga o mundo e se insere nele. Mas não é somente o objeto técnico que é belo; é o ponto singular do mundo que o objeto técnico concretiza” (MEOT, p. 185 [275])<sup>5</sup>. Reciprocamente, “é a tecnicidade da obra de arte que impede a realidade estética de ser confundida com a função de totalidade universal” (MEOT, p. 188 [278]). O objeto estético em geral “não é propriamente falando um objeto, mas ao invés disso um prolongamento do mundo natural ou do mundo humano que permanece inserido na realidade que o carrega” (MEOT, p. 187 [278]).

---

<sup>5</sup> N.T.: No original: “c’est le point singulier du monde que concrétise l’objet technique”: a tradução em português de MEOT carrega uma ambiguidade grave para esse trecho, porque dá a entender que é o ponto singular do mundo que realiza a ação de concretizar o objeto técnico, quando na realidade é o inverso. Lembrar da diferença entre “qui” e “que” no francês. Na tradução: “[é] o ponto singular do mundo que concretiza o objeto técnico”.

## AUTÔMATO/MÁQUINA ABERTA [*Automate/machine ouverte*]

Essa oposição é uma das chaves de compreensão do MEOT, onde Simondon dialoga constantemente com a cibernética. Esta, de fato, privilegia o autômato. Ora, “a meditação sobre os autômatos é perigosa, pois ela arrisca se limitar a um estudo das características exteriores e opera assim uma assimilação abusiva [da máquina com o ser vivente]” (MEOT, p. 48 [94]). Com efeito, “a noção de autômato perfeito” é em definitivo “contraditória: *o autômato seria uma máquina tão perfeita que a margem de indeterminação de seu funcionamento seria nula, mas que poderia, no entanto, receber, interpretar ou emitir informação*” (MEOT, p. 140 [214]; sublinhado por G.S.)<sup>6</sup>. O autômato perfeito é mitológico, versando de início na ilusão de uma identidade possível com o vivente, enquanto existe *analogia* e “concretização” *assintótica* do “indivíduo técnico”.

O verdadeiro progresso técnico reside, então, para Simondon, na “máquina aberta”, ou seja, aquela que integra em seu funcionamento o seu “meio associado”. Está aí o sentido do famoso exemplo da “turbina Guimbal” (ver MEOT, p. 54-55 [102-3]).

## AXIOMÁTICA

Em Simondon, essa noção designa não um sistema formal tal como as axiomáticas lógico-matemáticas, mas simplesmente um conjunto de princípios, ou proposições primeiras, permitindo religar conceitos fundamentais. É nesse sentido que Simondon, no IPC em geral e mais especificamente no FIP, se esforça em elaborar uma “axiomática comum” (FIP, *in* Simondon, IPC, p. 35 ou ILFI, p. 533 [577]) para as ciências humanas – que permita especialmente a unificação da psicologia e da sociologia.

## CIBERNÉTICA UNIVERSAL

---

<sup>6</sup> N.T.: Na edição em português de MEOT, esta passagem não se encontra sublinhada em itálico, além de traduzir a palavra “*notion*” por “ideia” ao invés de por “noção”.

Essa expressão é sinônimo de “alagmática” e designa, assim, uma cibernética reformada porque genética – no sentido da gênese –, segundo um objetivo de universalização enciclopédica. O objetivo é sempre, para Simondon, concorrer com a doutrina hilemórfica que dominou desde Aristóteles até Kant – pensador da “forma” e da “matéria” do conhecimento –, e cuja força foi sua capacidade de universalizar seu esquema para aplicá-lo a toda a realidade (ver “Hilemorfismo”). A cibernética tinha, para Simondon, o mérito de ser já um pensamento analógico e intercientífico, mas ela se nutria da Teoria da Informação, a qual Simondon pretende discutir. A “Cibernética universal” deve suceder à cibernética, demasiado tecnicista e reducionista, mas este debate central com a cibernética é o lugar em que se manifestam as tensões que trabalham a unidade mesma do pensamento simondoniano. MEOT qualifica *Cybernetics* de Wiener como “novo discurso do método”. MT, por sua vez, é o texto mais “cibernético” de Simondon.

## **COLETIVO REAL E COMUNIDADE/SOCIEDADE**

A expressão “coletivo real” é um outro nome do “transindividual”, quando este último é considerado sob seu aspecto social ao invés de sob seu aspecto psíquico. O paradoxo do transindividual, tal como Simondon o apresenta no segundo e terceiro capítulos do IPC, é que “a individualidade psicológica aparece como sendo aquilo que se elabora elaborando a transindividualidade; essa elaboração repousa sob duas dialéticas conexas, uma que interioriza o exterior, outra que exterioriza o interior” (IPC, p. 157 ou ILFI, p. 281 [420]). Isso significa que lá onde se desdobra plenamente a individualidade psíquica, lá igualmente o coletivo torna-se “coletivo real”, imanente a cada individualidade. Esse paradoxo é uma consequência ontológica da doutrina epistemológica do “realismo das relações”.

É segundo tal paradoxo que é preciso compreender a distinção central, feita por Simondon, ao mesmo tempo no IPC e no MEOT, entre “sociedade” e “comunidade”. Uma comunidade, tal como a comunidade de trabalho, coloca em relação indivíduos sem, no entanto, se fundar sobre aquilo que permanece “pré-individual” nos “sujeitos”, ou seja, aquilo que é ainda suscetível de se individuar para construir o transindividual através deles e para além deles. É o contrário para uma verdadeira sociedade e, por isso mesmo, Simondon recusa a distinção feita por Bergson entre “sociedade fechada” e “sociedade aberta” – se, à sua maneira, ele a reconduziu com sua distinção comunidade/sociedade, é justamente sem recair no preconceito das “sociedades sem história”.

### CONCRETIZAÇÃO [*Concrétisation*]

É a noção que dá o título ao célebre primeiro capítulo do MEOT. Neste, a concretização é um “processo” pelo qual os objetos técnicos progridem de maneira analógica aos seres vivos pensados por ILFI, somente estes sendo, porém, “concretos desde o início” (MEOT, p. 49 [94]) – os objetos técnicos jamais sendo, de sua parte, *absolutamente* concretos. A concretização dos objetos técnicos possui vários aspectos, segundo abordamos o nível dos elementos, aquele dos indivíduos ou aquele dos conjuntos. No nível dos elementos, dois aspectos são apresentados por Simondon:

- ❖ O aumento da “*ressonância interna*” entre os elementos que compõem o objeto. Trata-se da ideia de uma organicidade crescente, pela qual cada peça “não pode ser outra que ela não é” (MEOT, p. 21 [57]);
- ❖ O fato de que um elemento de um objeto se torne *plurifuncional* ao invés de ter uma só função. Simondon desenvolve aqui o exemplo das aletas de refrigeração no motor térmico a combustão interna (ver MEOT, p. 22-23 [58-9]).
- ❖ Um terceiro aspecto não mais concerne os elementos que compõem o objeto, mas a relação desse objeto com seu “meio associado” enquanto ressonância

*externa* e não mais interna. É o processo de “individualização” dos objetos técnicos, que não se realiza senão com as máquinas da modernidade enquanto “indivíduos técnicos”.

- ❖ Enfim, na idade contemporânea dos conjuntos informacionais se realiza plenamente a *convergência entre ciência e técnica* e, portanto, a “naturalização” dos objetos técnicos, último aspecto da concretização.

## CULTURA E CULTURA TÉCNICA

A *questão fundamental* de MEOT é de reconciliar a cultura com a técnica ao favorecer a introdução de uma “cultura técnica”, hoje necessária ao equilíbrio mesmo da cultura: “É preciso que a cultura se torne novamente geral, visto que ela se especializou e se empobreceu. Essa extensão da cultura, suprimindo uma das principais fontes de alienação e restabelecendo a informação reguladora, possui um valor político e social” (MEOT, p. 14 [50]). A cultura tem por definição: “aquilo pelo que o homem regula sua relação com o mundo e sua relação consigo mesmo” (MEOT, p. 227 [332]). Para reconciliar profundamente a cultura com a técnica, Simondon vai proceder em MEOT a uma operação complexa consistindo em reconciliar igualmente a natureza *ao mesmo tempo* com essa cultura e com essa técnica. Uma tal operação, perfeitamente conforme ao espírito do combate já conduzido por ILFI contra a “antropologia”, toma de início seu sentido no fato de que haveria contradição em opor a natureza à técnica e à cultura opondo simultaneamente estas últimas entre si. A “cultura técnica” é, deste modo, aquilo que se trata de introduzir na cultura, porque “se a cultura não incorporasse a tecnologia, ela comportaria uma zona obscura e não poderia trazer sua normatividade reguladora ao par constituído de homem e mundo” (MEOT, p. 227 [332]). Como vemos aqui, aquilo que Simondon chamará de “normatividade técnica” (ver “Antropologia” e “Técnica/trabalho”) é sempre, como tal, uma normatividade *da cultura através da técnica* – graças à “cultura técnica”.

**ELEMENTO/INDIVÍDUO/CONJUNTO [*Élément/individu/ensemble*]**

Essas três noções concernem a realidade técnica e correspondem, ao mesmo tempo, a *níveis de análise* dessa realidade e a *idades tendenciais* do progresso técnico:

- ❖ Os níveis de análise são clássicos: em MEOT, os elementos compõem o indivíduo e os indivíduos compõem o conjunto. Assim “os objetos técnicos infraindividuais podem ser nomeados elementos técnicos” (MEOT, p. 65 [117]). Quanto aos conjuntos, eles apenas se *realizam plenamente* na idade da informação: “Pode-se afirmar, nesse sentido, que o nascimento de uma filosofia técnica no nível dos conjuntos é somente possível através do estudo aprofundado das regulações, ou seja, da informação. Os verdadeiros conjuntos técnicos não são aqueles que utilizam indivíduos técnicos, mas aqueles que são uma teia de indivíduos técnicos em relação de interconexão. Toda filosofia das técnicas que parte da realidade dos conjuntos utilizando os indivíduos técnicos sem colocá-los em relação de informação permanece uma filosofia da potência humana através das técnicas, não uma filosofia das técnicas” (MEOT, p. 126 [197]). Sobre a noção de “indivíduo técnico” em MEOT, ver também “Individualização”;
- ❖ No que se refere às idades tendenciais, aquilo que precede permite compreender que “hoje a tecnicidade tende a residir nos conjuntos; ela pode, então, tornar-se um fundamento da cultura à qual ela trará um poder de unidade e de estabilidade, tornando-a adequada à realidade que ela exprime e que ela regula” (MEOT, p. 16 [52]). O indivíduo técnico, de sua parte, se desenvolveu durante a revolução industrial maquinica. Adicionemos que esta tese não é incompatível com a ideia de que os elementos são “portadores de tecnicidade” (MEOT, p. 73 e 76 [127-8 e 131-2]), pois os elementos somente *transmitem* por esta via, ao menos hoje, a tecnicidade adquirida por um conjunto. Sobre a “normatividade”, aqui resumida, dos *conjuntos informacionais contemporâneos*, ver também “Antropologia” e “Transindividual/interindividual”.

## **ENCICLOPEDISMO [*Encyclopédisme*]**

Esta noção é absolutamente fundamental para caracterizar o empreendimento de Simondon, na medida em que a ambição deste último é de iniciar, no século XX, um terceiro tipo de Enciclopedismo posterior àqueles do Renascimento e do Iluminismo (sobre estas três etapas do Enciclopedismo, ver MEOT, p. 96-106 [157-170]). O novo Enciclopedismo é “genético”, no sentido em que ele pensa a gênese de todas as coisas (sobre este ponto, ver “Individação/desindividação” e “Ontogênese”). Por outro lado, ele combate outro tipo de alienação do que aqueles combatidos por seus predecessores: “No século XVI, o homem era submetido a estereótipos intelectuais; no século XVIII, ele era limitado por aspectos hierárquicos da rigidez social; no século XX, ele é escravo de sua dependência com relação às potências desconhecidas e longínquas que o dirigem [...]. Tornando máquina em um mundo mecanizado, ele somente pode reencontrar sua liberdade assumindo seu papel e o ultrapassando por uma compreensão das funções técnicas pensadas sob o aspecto da universalidade.

Todo enciclopedismo é um humanismo, se compreendemos por humanismo a vontade de reconduzir a um estatuto de liberdade aquilo que, do ser humano, foi alienado, para que nada de humano seja estrangeiro ao homem” (MEOT, p. 101 [164-5]). Além da ligação essencial entre enciclopedismo e humanismo, parece aqui que a “relação do espírito enciclopédico com o objeto técnico” é “um dos polos de toda consciência tecnológica” (MEOT, p. 94 [155]).

## ESPIRITUALIDADE [*Spiritualité*]

Essa noção possui dois sentidos em IPC:

- ❖ Ela é, de início – e estranhamente –, sinônimo de possessão de um psiquismo, sob o pretexto que o “espírito” é o psiquismo;
- ❖ Ela é, em seguida, a forma superior do transindividual, mas também a consciência intuitiva que ele possui de sua “carga pré-individual” restante e do poder que essa carga representa para ele de sempre se elevar: “A espiritualidade é a significação da relação do ser individuado ao coletivo e, então, por consequência, também no fundamento dessa relação, quer dizer, do fato de que o ser individuado não é inteiramente individuado” (IPC, p. 105-106 ou ILFI, p. 252 [375])

## FASES E DEFASAGENS [*Phases et déphasages*]

A noção de “fases” está, por um lado, sempre no plural, já que as fases não existem senão umas em relação às outras e são assim marcadas por sua *relatividade*, e, por outro lado, ela designa *outra coisa que um momento* no seio de uma sucessão temporal (ver MEOT, p. 159 [241]). Simondon indica a origem *física* dessa noção, que vem completar as de relação e de ordens de grandeza para assentar uma lógica nova e difícil que é necessário sempre ter em mente quando se constrói a ontologia dos “regimes de individuação” físico, vital e psicossocial, caso não quisermos mal-interpretar o discurso de Simondon sobre tal ou tal desses regimes. Essa lógica nova é explicitada em uma passagem fundamental de ILFI, esta mesma que abre a Conclusão da obra:

“Aqui, a ideia do descontínuo torna-se aquela de uma descontinuidade de fases, unida à hipótese da compatibilidade de fases sucessivas do ser: um ser, considerado como individuado, de fato pode existir segundo várias fases presentes conjuntamente, e ele pode mudar de fase de ser em si mesmo; há uma pluralidade no ser

que não é a pluralidade das partes (a pluralidade das partes estaria abaixo do nível da unidade do ser), mas uma pluralidade que está mesmo acima dessa unidade, porque ela é aquela do ser como fase, na relação de uma fase de ser a outra fase de ser” (ILFI, p. 317 [472]).

A noção de “defasagem” designa esse processo pelo qual se constituem as fases, e cuja ilustração mais desenvolvida é a teoria das “fases da cultura” na Terceira Parte de MEOT. Ver sobre esse assunto as palavras “Arte”, “Religião” e “Unidade mágica primitiva”.

### **FILOSOFIA [*Philosophie*]**

O próprio da filosofia é de poder tomar-se, ela mesma, por objeto, e é por isso que Simondon termina MEOT como ele tinha começado ILFI, ou seja, enunciando o papel que retorna à filosofia. De “conhecimento da individuação” que ela era no final da Introdução de ILFI (ver sobre esse ponto a palavra “Ontogênese” no glossário), a filosofia se torna, ao fim de MEOT, “intuição filosófica do real” (MEOT, p. 237 [346]), cada uma das duas definições esclarece a outra no seio de um diálogo central com Bergson. A intuição filosófica, com efeito, é doravante *reflexiva*, e é por isso que “o pensamento filosófico só pode assim se constituir depois de haver esgotado as possibilidades de conhecimento conceitual e de conhecimento pela ideia, isto é, depois de uma tomada de consciência técnica e uma tomada de consciência religiosa do real” (MEOT, p. 237 [346]).

### **HILEMORFISMO [*Hylémorphisme*]**

A crítica por Simondon da doutrina hilemórfica é fundamental, e é por isso que Simondon a colocou no extraordinário primeiro capítulo de ILFI, que é também o primeiro capítulo de IGPB. O hilemorfismo é proveniente de Aristóteles, e consistia em explicar a “gênese” do indivíduo a partir da união de uma matéria (*hylé*) e de uma forma (*morphe*). Simondon denuncia o esquema hilemórfico como insuficiente para

pensar uma verdadeira gênese: matéria e forma preexistem, neste caso, à sua união e são do mesmo modo de ser que o indivíduo do qual se trata, porém, de dar conta. Simondon mostra, então, que o esquema hilemórfico possui ao mesmo tempo um paradigma *consciente* e um paradigma *inconsciente*, e que o segundo foi quem conduziu o primeiro a ser mal compreendido e traído pelo esquema hilemórfico que aí se reivindicava. Com efeito, o paradigma consciente de Aristóteles é a tomada de forma técnica, cujo exemplo clássico é a moldagem do tijolo. Ora, essa tomada de forma não se reduz à união de uma matéria e de uma forma: de início, a matéria introduzida no molde já é preparada ou “pré-formada”; em seguida e reciprocamente, a forma do molde já é materializada; enfim, a tomada de forma será tornada possível por condições energéticas específicas que advêm de uma *metaestabilidade*. Se o esquema hilemórfico empobreceu seu próprio paradigma da tomada de forma técnica em uma simples união de matéria e de forma, isso se deu, então, em razão de outro paradigma, inconsciente desta vez: o paradigma da *relação social empobrecida* entre o escravizado que molda o tijolo e o mestre que dá a ordem da operação técnica.

### **HUMANISMO [*Humanisme*]**

A oposição de Simondon ao “humanismo fácil” (MEOT, p. 9 [43]) não deve deixar pensar que Simondon seria um representante do anti-humanismo. Primeiramente, o propósito de MEOT visa reconciliar a cultura com a técnica, enquanto que o “fácil humanismo” é este humanismo que rejeita a técnica como estrangeira à cultura. Simondon mostra, então, que a técnica contemporânea entrou em uma “idade dos conjuntos” onde se revela a “normatividade técnica” enquanto dignidade cultural da técnica e capacidade de *acoplamento* do homem e da técnica em tornar possível uma verdadeira *transindividualidade*. É somente por esta última que será ultrapassada a alienação que caracteriza o mundo do trabalho desde a revolução industrial maquinica. Simondon intenciona, assim, fundar um novo humanismo, pois “o humanismo jamais pode ser uma doutrina nem mesmo uma atitude que poderia se definir de

uma vez por todas; cada época deve descobrir seu humanismo orientando-o em direção ao perigo principal de alienação” (MEOT, p. 102 [166]). Sobre este ponto, ver igualmente “Enciclopedismo”.

### **IMAGINAÇÃO [*Imagination*]**

Simondon propõe em IMIN uma nova teoria da imaginação, em todos os pontos oposta àquela de Sartre: a imaginação não é sempre consciente, nem uma função “irrealizante” que seria oposta à percepção. Com efeito, Simondon estabelece que aquilo que *precede* a percepção, a saber, a motricidade do vivente, já é o nascimento de um “ciclo da imagem” que se prolonga na própria percepção sob a forma das “imagens intra-perceptivas”, depois para além da percepção através das “imagens-lembranças” chamadas a se tornarem “símbolos”, para finalmente “concretizar” a imaginação em *invenção*, fundando um “novo ciclo de relação com o real” (IMIN, p. 138).

### **INDIVÍDUO E INDIVÍDUO TÉCNICO [*Individu et individu technique*]**

Simondon distingue entre os “regimes de individuação” e, portanto, entre os graus de individualidade do indivíduo, de tal maneira que “não se pode, a rigor, falar do indivíduo, mas de individuação; é à atividade, à gênese que se deve remontar, ao invés de tentar apreender o ser já feito para descobrir os critérios por meio dos quais se saberá se ele é um indivíduo ou não. O indivíduo não é um ser mas um ato. (...) A individualidade é um aspecto da geração, ela se explica pela gênese de um ser e consiste na perpetuação dessa gênese” (ILFI, p. 191 [181]). É por isso que o cristal não é verdadeiramente indivíduo senão no momento da cristalização, enquanto que o ser vivente possui uma individualidade complexa e durável: seu “meio associado” participa de seu ser, que é assim “teatro de individuação” em vez de simples “resultado de individuação, como o cristal ou a molécula” (ILFI, p. 27 [21]).

É “indivíduo técnico” a máquina enquanto ela “porta suas ferramentas” e se torna capaz de prescindir até mesmo de auxiliares humanos (ver “Alienação”). Mas a *individualização* do objeto técnico é também esse aspecto do processo de “concretização” pelo qual o objeto técnico *chama* um meio associado por ele integrado em seu funcionamento. Enfim, na ordem dos *níveis de análise* do objeto técnico, o indivíduo técnico se opõe ao *elemento*, que precisamente “não possui um meio associado” (MEOT, p. 65 [117]) e se transpõe de um objeto a outro.

### **INDIVIDUALIZAÇÃO [Individualisation]**

Essa noção se aplica ao mesmo tempo ao ser vivente – em ILFI – e ao objeto técnico – em MEOT –, em virtude de uma analogia operatória: “É porque o vivente é um ser individual que porta consigo seu meio associado que o vivente pode inventar: essa capacidade de se condicionar a si mesmo está no princípio da capacidade de produzir objetos que se condicionam a si mesmos” (MEOT, p. 58 [107]; ver também MEOT, p. 138-139 [212-214]).

No vivente, de início, a individualização é aquilo que acompanha essa “individuação perpetuada” que é a vida enquanto *gênese continuada*. Simondon tende a reservar a noção de *individualização* para a *duplicação somato-psíquica* do vivente. Onde o fato que, para ele, a “individuação psíquica” não é uma individuação propriamente dita (ver IPC, p. 132-134 ou ILFI, p. 267-268 [407-410]), mas uma *individualização* e uma “via transitória” entre individuação vital e individuação psicossocial.

Em MEOT, em seguida, “a individualização dos seres técnicos é a condição do progresso técnico. Essa individualização é possível pela recorrência de causalidade em um meio que o ser técnico cria ao redor de si mesmo e que o condiciona tal como é condicionado por ele. Esse meio ao mesmo tempo técnico e natural pode ser nomeado meio associado. Ele é aquilo pelo qual o ser técnico se condiciona a si mesmo em seu funcionamento” (MEOT, p. 56-57 [105-106]). É em virtude de tal progresso técnico que “a individualidade humana se encontra cada vez mais liberada

da função técnica pela construção de indivíduos técnicos” (MEOT, p. 80 [137]). É por isso que, “na reflexão sobre as consequências do desenvolvimento técnico em relação com a evolução das sociedades humanas, é o processo de individualização dos objetos técnicos que se deve ter em consideração antes de tudo” (MEOT, p. 80 [137]). Ver sobre esse ponto “Alienação”.

## **INFORMAÇÃO [Information]**

Essa noção é definida como o *centro* de um trabalho mais geral de *reforma conceitual* por parte de Simondon, pois a informação só pode se tornar “a fórmula da individuação” (ILFI, p. 31 [27]) se for pensada para além do que diz a Teoria da informação, à qual pertenciam, por sua vez, a Cibernética. Teoria da informação e cibernética, porém, compreenderam bem a informação como “neguentropia”, ou seja, a inversão do crescimento da desordem e, portanto, possibilidade da vida biológica. Mas ao mesmo tempo a Teoria da informação dissociou informação e *significação*, em razão de um *paradigmatismo técnico e probabilístico* que é impróprio à *universalização* da noção de informação. Simondon aposta em tornar possível a aplicação da noção de informação à realidade psicossocial *partindo de um paradigma físico, mas auto-complexificável* (ver sobre esse ponto a palavra “Transdução”). Ao mesmo tempo, ele põe as bases de um colocar em conexão da reflexão sobre a informação com a reflexão sobre a *dualidade onda-corpúsculo* da física quântica, porque as duas são *gêneses*, teorizáveis *simultaneamente* de maneira probabilística e *não-probabilística*. Contudo, esse *coração epistemológico* de sua obra, que a atravessa inteiramente, nos deixa um programa ao invés de uma teoria acabada.

## INVENÇÃO [*Invention*]

Simondon é *certamente* o pensador, não da inovação – grande palavra de ordem da *tecnocracia* atual, que não é *tecnóloga* –, mas da invenção, tratada por ele ao mesmo tempo em MEOT, em IMIN e em IT. A análise simondoniana do devir técnico, feita desde o início em termos de *funcionamento* e rejeitando o *uso* como extrínseco à tecnicidade propriamente dita (ver “Antropologia”), pareceria não pode ser clara se a maioria das invenções de funcionamentos são feitas *com a intenção prévia de um uso determinado*. Simondon é consciente disso, e é por isso que, desde o último sub-capítulo de seu primeiro capítulo, MEOT introduz uma ideia que será, na sequência, prolongada em 1965-1966 em IMIN, prolongamento que constitui justamente uma resposta à objeção que acabou de ser levantada:

- ❖ Em MEOT, Simondon introduz a ideia de “origem absoluta de uma linhagem técnica”. Ele precisa: “O início de uma linhagem de objetos técnicos é marcada por esse ato sintético de invenção constitutivo de uma essência técnica. A essência técnica se reconhece pelo fato de que ela permanece estável através da linhagem evolutiva, e não apenas estável, mas ainda produtora de estruturas e de funções por desenvolvimento interno e saturação progressiva” (MEOT, p. 43 [87]). Há, assim, linhagens de objetos técnicos que realizam o devir potencialmente contido em uma “essência”.
- ❖ Ora, a consequência disso será desenvolvida por Simondon em IMIN sob a forma de uma transcendência do objeto inventado em relação às intenções primeiras de utilização que haviam, contudo, comandado a invenção do objeto: “seria parcialmente falso dizer que a invenção é feita para atingir um fim, realizar um efeito inteiramente previsível de antemão”, pois “há na verdadeira invenção um salto, um poder amplificador que ultrapassa a simples finalidade e a pesquisa limitada de uma adaptação” (IMIN, p. 171-172).
- ❖ Distinguir-se-á, então:

- ❖ a invenção primeira de uma *essência* técnica, origem absoluta de uma linhagem, tal como a essência técnica “motor de combustão interna”;
- ❖ os aperfeiçoamentos menores *contínuos* que têm lugar no seio dessa essência técnica tal como ela se realizou;
- ❖ o invenção *descontínua* tornada necessária pela “saturação do sistema” que resulta de uma série contínua de aperfeiçoamentos menores (ver MEOT, p. 27 [65] e 39-40 [81-82]). Essa invenção descontínua é, então, aquilo no qual se “concretiza” verdadeiramente o objeto técnico enquanto realidade de um progresso, tal como a invenção do motor a diesel (ver MEOT, p. 44 [87-88]) no seio da essência técnica “motor de combustão interna”.

## MÁQUINA [*Machine*]

Além da oposição autômato/máquina aberta em MEOT, já tratada neste glosário, é preciso evocar a classificação das máquinas em IT. Lembremos que MEOT definia a máquina como “aquilo que porta suas ferramentas e as dirige” (MEOT, p. 78 [134]). Ver também sobre esse ponto “Alienação”, “Indivíduo e indivíduo técnico” e “Individualização”.

Em IT, Simondon, na esteira de Jacques Lafitte em suas *Réflexions sur la science des machines* [Reflexões sobre a ciência das máquinas] (1932), *expande* a noção de máquina, e distingue em um primeiro momento entre:

- ❖ As “máquinas simples” como “sistemas de transformação do movimento”, tal como “a alavanca” (IT, p. 97);
- ❖ as “máquinas-ferramentas” que são “semi-autônomas, sendo autônomas para a energia e heterônomas para a informação” (IT, p. 97);
- ❖ a “verdadeira máquina”, que é “autônoma ao mesmo tempo para a alimentação e para a informação durante seu funcionamento, a informação sendo fornecida de maneira massiva antes do funcionamento” (IT, p. 98);
- ❖ Depois Simondon retoma – e *repensa* – a distinção operada por Lafitte entre:

- ❖ a “máquina passiva” e seus diferentes graus, tais como a ferramenta adaptada e a abóbada arquetônica;
- ❖ a “máquina ativa” e seus diferentes graus, tais como a lâmpada a óleo e o motor;
- ❖ a “máquina reflexa”, ou seja, autorreguladora ou “à informação”.
- ❖ Ver sobre esse ponto IT, p. 158-226.

### **MEIO ASSOCIADO** [*Milieu associé*]

O pensamento da individuação não pode se construir sem levar em conta o meio que é associado ao indivíduo, e é por isso que a noção de meio associado é central tanto em ILFI quanto em MEOT. Com efeito, Simondon aponta desde a Introdução de ILFI que, se o hilemorfismo supôs um “princípio de individuação” – forma ou matéria – que já advém do modo de ser do indivíduo do qual ele, contudo, supõe dar sentido, é porque o hilemorfismo procurou explicar a gênese apenas do indivíduo, sem levar em conta o seu meio associado: “Se, ao contrário, supuséssemos que a individuação não produz apenas o indivíduo, não se procuraria passar de maneira rápida através da etapa da individuação para chegar a essa realidade última que é o indivíduo: tentariamos apreender a ontogênese em todo o desenrolar de sua realidade, e conhecer o indivíduo através da individuação ao invés da individuação a partir do indivíduo.” (ILFI, p. 24 [15-16], grifos do autor). Observar-se-á que não se trata de explicar o indivíduo *a partir* de seu meio associado, mas de explicar *os dois* a partir de uma realidade *pré-individual* (ver essa palavra no glossário).

No ser vivente, o meio associado se torna o polo de uma troca permanente, enquanto que para a personalidade psicossocial o coletivo não é mais um simples meio, mas um grupo possuindo sua unidade própria e sua personalidade própria, à qual a personalidade do indivíduo é “coextensiva” (IPC, p. 183 ou ILFI, p. 297 [453-455]). Quanto ao “indivíduo técnico”, ele se deixa pensar por analogia com o vivente

na medida em que sua “individualização” é “recorrência de causalidade” com um meio associado.

### **METAESTABILIDADE [*Métastabilité*]**

Essa noção, utilizada igualmente por Norbert Wiener, designa em Simondon um estado que foi descoberto pela termodinâmica. Trata-se de um estado que transcende a oposição entre estabilidade e instabilidade, e que é carregado de potenciais para um devir (ver ILFI, p. 26 [18] ou IGPB, p. 24). O uso central dessa noção é típico do gesto teórico que admirava Deleuze em IGPB: “poucos livros, em todo caso, fazem tanto sentir a qual ponto um filósofo pode, ao mesmo tempo, tomar sua inspiração na atualidade da ciência, e, contudo, reunir-se aos grandes problemas clássicos transformando-os, renovando-os. Os novos conceitos estabelecidos por Simondon nos parecem ser de uma extrema importância; sua riqueza e sua originalidade impressionam ou influenciam o leitor” (Deleuze, “Gilbert Simondon, *L’individu et sa genèse physico-biologique*”, *Revue philosophique de la France et de l’Étranger* [“O indivíduo e sua gênese físico-biológica”, *Revista filosófica da França e do Exterior*] vol. CLVI, n. 1-3, p. 118).

A diferença entre o indivíduo físico e o indivíduo vivente é, pois, que o segundo mantém em si uma metaestabilidade, enquanto que o primeiro se tornou estável e esgotou seus potenciais. Nisso, a vida é, para Simondon, uma “individuação perpetuada” (ILFI, p. 27 [21] ou IGPB, p. 25). Sobre a metaestabilidade como condição dos processos de individuação, ver igualmente “pré-individual”.

### **NATURALIZAÇÃO [*Naturalisation*]**

Essa noção, absolutamente fundamental, vem após aquelas de concretização e de individualização na primeira parte de MEOT. A naturalização dos objetos técnicos deriva do progresso técnico, já que “a evolução progressiva das técnicas, graças à mais-valia amplificadora de cada invenção constituinte de um objeto, faz passar os

efeitos naturais ao mundo das técnicas, tendo por resultado o fato de que as técnicas, progressivamente, se naturalizam” (IMIN, p. 175). As consequências concernentes ao conhecimento são, então, para Simondon, uma *convergência cada vez maior entre técnica e ciência*. Essa convergência possui, ela mesma, dois aspectos recíprocos e complementares, respectivamente privilegiados por MEOT e por NC:

- ❖ Em MEOT, o objeto técnico é concebido como um sistema físico-químico no seio do qual as ações recíprocas se fazem segundo um número crescente de leis naturais cientificamente conhecidas. Eis porque a construção do objeto técnico só pode ser perfeita se ele procede do que Simondon chama de “um conhecimento científico universal”. Tal é a via da *tecnologia*, que é, porém, definida como uma via assintótica na medida mesma em que os conhecimentos científicos que servem de guia para prever a universalidade das ações mútuas exercidas no sistema técnico permanecem afetados por certa imperfeição” (MEOT, p. 35 [76-77]);
- ❖ Em NC, é reciprocamente o conhecimento científico que depende da atividade técnica, na medida mesma em que a integração crescente das leis naturais ao funcionamento técnico faz do objeto técnico o mediador entre o homem e a natureza que permanece ainda a descobrir: “a verdadeira atividade técnica está hoje no domínio da pesquisa científica que, porque é pesquisa, é orientada a objetos ou a propriedades de objetos ainda desconhecidos” (IPC, p. 263 ou ILFI, p. 512 [519-520]). A normatividade técnica se exprime plenamente na pesquisa científica, porque a máquina não mediatiza a relação do indivíduo à comunidade, mas a relação do *sujeito ativo* ao *objeto*. Tal é a via da *fenomenotécnica*, tal como já a havia definido Bachelard, e nesse ponto Simondon é certamente, com o próprio Bachelard, precursor de uma filosofia nomeada posteriormente “tecnociência”.

## **NEOTENIA (GENERALIZADA) [*Néoténie (généralisée)*]**

O termo “neotenia” foi criado pelo biólogo Julius Kollmann, em 1883, para designar a conservação – “tenia”, oriunda do grego *teinein*, que significa “estender” – de caracteres juvenis – o prefixo “neo” significando novo – nos adultos de uma espécie, mas também e reciprocamente o acesso direto de certas larvas à maturidade sexual, como é o caso no axolote. Esses fenômenos são mais geralmente observados em anfíbios e insetos, para os quais se fala em pedogênese.

Quanto à tese do caráter neotênico do ser humano, ela apareceu inicialmente em Louis Bolk (1866-1930), anatomista e biólogo holandês célebre por sua teoria da fetalização, segundo a qual o desenvolvimento do embrião humano consistiria paradoxalmente em uma lentificação tal que se tornariam permanentes nele, na idade adulta, caracteres apenas transitórios e juvenis no primata. Essa tese da neotenia humana é retomada pelo psicanalista Jacques Lacan (1901-1981) para explicar quais ilusões atuam no “estágio do espelho” enquanto irredutível ao “teste do espelho” teorizado inicialmente por Henri Wallon e outros. Depois de ser repensada pelo grande paleontólogo americano, teórico da evolução do vivente, Stephen Jay Gould (1941-2002), ela inspira hoje filósofos do “inacabamento do homem” como Bernard Stiegler.

Nós havíamos proposto nomear “neotenia generalizada” a hipótese de Simondon segundo a qual o vivente em geral seria o desenvolvimento lentificado e prolongado de uma fase incoativa da própria individuação física, do mesmo modo que, no interior do vivente, o animal seria o desenvolvimento lentificado e prolongado de uma fase incoativa do desenvolvimento do vegetal etc. Essa hipótese da neotenia generalizada não fornece, contudo, a chave operatória do pensamento simondoniano do vivente, mais fundado sobre o conceito de polarização, herdado de Canguilhem, que Simondon expande ao próprio regime físico, assim como ele expande o conceito central, mas profundamente reelaborado, de informação.

## ONTOGÊNESE [*Ontogenèse*]

Essa noção é, de início, sinônimo de individuação, já que a individuação é para Simondon gênese. Na biologia, ontogênese é igualmente gênese do indivíduo, por oposição, dessa vez, à “filogênese” – gênese da espécie. Mas Simondon aplica também essa noção à própria teoria filosófica, já que o “conhecimento” da individuação é “individuação do conhecimento” (ILFI, p. 36 [35]). Eis aí o modo propriamente simondoniano de superação da oposição sujeito/objeto em vista de um “conhecimento” filosófico não objetivante.

É necessário apontar que uma hesitação existe em Simondon, quando na Introdução de ILFI ele escreve, de início, que não é necessário “*considerar a individuação como sendo somente ontogênese*” (ILFI, p. 24 [14], sublinhado por G.S.), e depois que, em sua teoria, “*a individuação é assim considerada como apenas ontogenética, enquanto operação do ser completo*” (ILFI, p. 25 [16], sublinhado por G.S.). Aqui a ontogênese é em um *primeiro momento* distinguida da individuação, na medida em que esta última é também a aparecimento de um “meio associado” cuja compreensão é necessária para uma verdadeira explicação da gênese do indivíduo. Em um *segundo momento*, é a noção mesma de ontogênese que se encontra expandida para designar o “devir do ser” (ILFI, p. 25 [16]) em geral, e por consequência a própria individuação como gênese do indivíduo *e de seu meio associado*.

## ORDENS DE GRANDEZA [*Ordres de grandeur*]

Uma das grandes originalidades – e atualidades – de Simondon é de fazer intervir *a relação* entre ordens de grandeza – hoje em dia nomeadas “escalas” – no fundamento mesmo da compreensão do real. Com efeito, se o indivíduo *é* relação e não apenas *em* relação, como proclama a doutrina simondoniana do “realismo das relações”, então o indivíduo não pode senão ser relação entre ordens de grandeza, às quais ele permite justamente comunicar – enquanto que, no estado *pré*-individual (ver essa palavra no glossário), elas não se comunicam. Essas ordens de grandeza, na

medida em que elas existem apenas relativamente umas às outras, não são termos que preexistem à sua relação e não colocam o realismo das relações em contradição consigo mesmo.

Assim, por exemplo, o vegetal é apresentado por ILFI como um indivíduo que relaciona a ordem de grandeza da luz do sol – necessária à fotossíntese – e a ordem molecular dos sais minerais que alimentam o vegetal. Além disso, essa relação que é o indivíduo vegetal é ela mesma em relação com um “meio associado” que é de mesma ordem de grandeza que o indivíduo. Em CSI, Simondon tenta aplicar o pensamento das ordens de grandeza à questão difícil do instinto.

### **PERCEPÇÃO [Perception]**

Simondon dedicou o volumoso CSP a esse problema da percepção, igualmente presente em ILFI. A percepção é, com a *ação* e a *emoção*, uma das três dimensões do vivente animal, e não podemos compreender seu funcionamento sem pensar suas interferências com as outras duas dimensões, como o fazem justamente a Quarta e a Quinta Parte de CSP. Na Terceira Parte, depois que ILFI contestou o corte “antropológico” feito pelos filósofos entre o homem e o vivente, Simondon propõe singularizar o simples *grau* humano pela capacidade de abstração e de simbolização: tal é o único sentido concedido ao privilégio humano na percepção das formas, essa última existindo bem no animal, mas sem tal “riqueza semântica” (CSP, p. 204). A Primeira Parte, por sua vez, consistia em um percurso histórico das teorias da percepção e terminava com uma exposição da *Gestaltpsychologie* (psicologia da forma), com a qual Simondon dialoga desde ILFI sobre esse tema da percepção.

## **PERSONALIZAÇÃO E PERSONALIDADE [*Personnalisation et personnalité*]**

Depois da individuação do vivente como “origem absoluta” (ILFI, p. 27 [21] ou IGPB, p. 25), em seguida sua *individualização* somato-psíquica como gênese perpetuada, vem a *personalização*, que, contudo, faz passar do “regime” (ver essa palavra no glossário) propriamente vital de individuação ao regime *psicosocial*: a *personalidade* individual é isso que se constrói no seio de um grupo possuindo ele mesmo sua unidade e sua personalidade de grupo (ver IPC, p. 183-184 ou ILFI, p. 297-298 [454-457]). Enquanto a individuação é “única” e a *individualização* “contínua”, a *personalização* é “descontínua” (IPC, p. 135 ou ILFI, p. 268 [399]): a personalidade sofre reestruturações profundas, mas somente periódicas. Ver igualmente “Transindividual/interindividual”.

## **POLARIZAÇÃO [*Polarisation*]**

Como aquela de “neotenia (generalizada)”, essa noção serve para ultrapassar, melhor que o havia feito Bergson, a oposição entre *mecanicismo* e *vitalismo*. De fato o mecanicismo reduz o vivente aos processos físico-químicos, enquanto que o vitalismo toma inversamente o vivente como incompreensível a partir do físico. Simon-don, em ILFI, arbitra o debate, e ele é nesse sentido um precursor dos pensamentos da “emergência”: ele pensa o físico e o vivente como tipos diferentes de um mesmo processo de polarização: o cristal é polarizado, do mesmo modo que a afetividade do vivente animal, e entre os dois há a polarização da membrana celular, onde se marca a primeira diferença entre o físico e o vivente. No cristal em vias de formação, o limite em devir é isso que separa *o passado do futuro*, enquanto que na célula vivente a membrana separa *o interior do exterior*, visto que o interior é *contemporâneo da membrana e não passado*.

## POTENCIAL REAL [*Potentiel réelle*]

Essa expressão designa um potencial que não se reduz ao do possível ou ao do virtual, mas que ao contrário, e paradoxalmente, é “atualmente existente como potencial” (ILFI, p. 313 [474] ou IPC, p. 210)<sup>7</sup>. Aí está toda a especificidade da reinterpretação, feita por Simondon em seguida do físico francês e Prêmio Nobel Louis de Broglie, da noção física de “energia potencial”: “o potencial, concebido como energia potencial, é *real*, pois exprime a realidade de um estado metaestável e sua situação energética” (FIP, *in* ILFI, p. 547 [600], sublinhado por G. S.).

## PRÉ-INDIVIDUAL [*Pré-individuel*]

Essa noção decisiva designa o estado de metaestabilidade (ver essa palavra no glossário) que torna possível toda individuação. A metaestabilidade pode, no entanto, ser mantida no seio mesmo do processo de individuação, como é o caso no vivente, enquanto o pré-individual puro é dado “antes” desse processo – em uma “anterioridade” que não é dependente do tempo, pois o próprio tempo “*sai do pré-individual como as outras dimensões segundo as quais o processo de individuação se efetua*” (ILFI, p. 34 [32], sublinhado por G. S.). A Conclusão de ILFI apresenta o pré-individual como uma “hipótese” que é “derivada de certo número de esquemas de pensamento emprestados dos domínios da física, da biologia, da tecnologia” (ILFI, p. 327 [488]). É imperativo precisar, aqui, que o domínio físico o leva, a tal ponto que em IGPB e em IPC a *mesma* passagem da Conclusão não evoca nem a biologia nem a tecnologia: a noção de “pré-individual” de Simondon é inspirada na metaestabilidade termodinâmica, mas também na famosa dualidade quântica onda-corpúsculo enquanto ela é “mais que um” e que o corpúsculo não é estritamente falando um indivíduo. Somente a *microfísica contemporânea* é capaz de nos dar uma ideia desse estado primordial que Simondon qualifica por vezes de “pré-físico e pré-vital”, a individuação física e

---

<sup>7</sup> No original consta: “actuellement existents comme potentiels” (p. 304 da primeira edição de 2005).

a individuação vital sendo apenas dois *regimes* tendo uma mesma fonte, e não dois *domínios substanciais* de seres.

### **PROBLEMÁTICA [*Problématique*]**

A originalidade de Simondon, aqui, é de dar uma realidade objetiva a uma noção que tradicionalmente designa o resultado de uma atividade do sujeito pensante. Com efeito, para Simondon, toda realidade possui sua problemática na medida em que os potenciais não são ainda atualizados e demandam a sê-lo: a problemática é a configuração *a partir* da qual alguma coisa pode “colocar problema” e suscitar um devir, como resolução do problema. Assim, por exemplo, a “problemática” da individuação psíquica não pode se resolver plenamente senão pela passagem à individuação psicossocial. É nisso, aliás, que a individuação psíquica é somente uma “via transitória” entre a individuação vital e a individuação psicossocial: ela é mais uma *individualização* do que uma verdadeira individuação.

### **PROGRESSO E PROGRESSO TÉCNICO [*Progrès et progrès technique*]**

Na Quarta Parte de IMIN, consagrada ao tema da invenção, Simondon sustenta que “não há progresso garantido enquanto a cultura, por um lado, e a produção de objetos, por outro, permanecem independentes uma da outra; o objeto criado é precisamente um elemento do real organizado como destacável porque ele foi produzido segundo um código contido em uma cultura que permite utilizá-lo longe do lugar e do tempo de sua criação” (IMIN, p. 164). Cultura e técnica devem então ser ligadas para tornar possível um progresso, e a estagnação de “culturas animais” não significa que elas não seriam culturas, nem mesmo que elas não produziram objetos – os primatas os produzem –, mas ela significa apenas que essa produção de objetos não é “cumulativa” (IMIN, p. 163) nem fundada sobre o caráter destacável do objeto constituído. O progresso se torna, assim, sinônimo de *processo de hominização perpetuada*, e se define como “o caráter do desenvolvimento que integra num todo o sentido

das sucessivas descobertas descontínuas e da unidade estável de uma comunidade” (NC, *in* IPC, p. 267 ou ILFI, p. 515 [524]).

Em MEOT, o progresso propriamente *técnico* é pensado em termos de “concretização”, de “individualização” e de “naturalização” dos objetos técnicos. Acrescentamos que as *idades tendenciais* da técnica (ver sobre esse ponto “Elemento/indivíduo/conjunto”) serão redefinidas em IT, que cortará, com efeito, a história das técnicas de duas maneiras diferentes, das quais, no entanto, nenhuma viria a contradizer o corte proposto pela última página da Introdução de MEOT:

- ❖ Primeiro, segundo quatro períodos ditos respectivamente “anterior ao uso da ferramenta e do instrumento”, depois “da ferramenta, do instrumento”, depois “da máquina-ferramenta e da máquina” e, por fim, da “reticulação” (IT, p. 104);
- ❖ Em seguida, segundo três períodos ditos respectivamente das “invenções pré-científicas”, depois das “invenções feitas ou completadas com o socorro das ciências” na “época industrial”, e, por fim, do “terceiro grupo de invenções” na época da “informação” (IT, p. 229 e 271-272).

O primeiro corte comporta quatro períodos unicamente porque o primeiro deles precede o artefato e diz respeito às primeiras “técnicas” no sentido de *procedimentos*: por exemplo, “uma técnica primitiva de caça como aquela que consistia em descer às falésias e assustar animais” (IT, p. 86).

## **REALISMO DAS RELAÇÕES [*Réalisme des relations*]**

Essa expressão designa a doutrina epistemológica de Simondon, que fornece o núcleo de sua ontologia genética, e do qual encontramos o desenvolvimento último no terceiro capítulo de ILFI – que estava curiosamente ausente em IGPB. O *realismo* das relações consiste em *dessubstancializar o indivíduo sem, no entanto, o desrealizar*, uma vez que ele coloca que a individualidade do indivíduo aumenta por multiplicação das relações que constituem esse indivíduo. É por isso que o indivíduo não se

dissolve nas relações que o fazem. O antissubstancialismo de Simondon pensa as relações, portanto, como não sendo precedidas pelos termos que elas religam, mas conserva, todavia, a ideia que o indivíduo é “centro ativo” da relação. Para um complemento a essas explicações, ver “Ordens de grandeza”.

O realismo das relações tem como precursor Gaston Bachelard, grande epistemólogo francês – filósofo da física – cujo discípulo mais importante foi Georges Canguilhem, filósofo da biologia que orientou Simondon para a elaboração de MEOT enquanto Tese complementar para o Doutorado de Estado – ILFI sendo sua Tese principal, orientada por Jean Hyppolite.

### **REGIMES (FÍSICO/VITAL/TRANSINDIVIDUAL) [*Régimes (physique/vital/transindividuel)*]**

Contrariamente à Merleau-Ponty em *La structure du comportement* [A estrutura do comportamento], Simondon não distingue “ordens” de seres, mas de “regimes” que, conforme a teoria das “fases” do ser, não são substanciais, mas são *fases possíveis de todo ser*. Assim, em Simondon, o regime psicossocial de individuação será certamente privilegiado no homem, mas, por um lado, esse último poderá por vezes – por exemplo, nas relações de trabalho – funcionar como um indivíduo vivente – a formiga trabalha – ao invés como um “sujeito” se individuando em “personalidade” psicossocial ou “transindividuada”. Por outro lado, e reciprocamente, certos animais podem às vezes, portanto de forma muito efêmera mas não menos real, aceder ao psicossocial ou “transindividual”.

### **RELAXAÇÃO (LEI DA) [*Relaxation (loi de la)*]**

A “lei de relaxação” é enunciada por Simondon no segundo capítulo de MEOT, e ela concerne a tripartição “elemento/indivíduo/conjunto”, ela mesma já exposta no glossário. Essa lei afirma que “na evolução dos objetos técnicos, assistimos a uma passagem de causalidade que vai dos conjuntos anteriores aos elementos

posteriores; esses elementos, introduzidos num indivíduo cujas características eles mesmos modificam, permitem que a causalidade técnica remonte do nível dos elementos ao nível dos indivíduos, depois daquele dos indivíduos àquele dos conjuntos; daí, em um novo ciclo, a causalidade técnica torna a descer, por um processo de fabricação no nível dos elementos, onde ela se reencarna em novos indivíduos, depois em novos conjuntos” (MEOT, p. 66 [118]).

Tal lei não põe em questão a ideia de uma “idade dos elementos”, de uma “idade dos indivíduos” e de uma “idade dos conjuntos”, pois essas denominações são sempre relativas e definem apenas “lugares” (o elemento, o indivíduo ou o conjunto) *sucessivos privilegiados* do progresso técnico.

### **RELIGIÃO [*Religion*]**

No Capítulo I da Terceira Parte de MEOT, a religião é, com a técnica, o resultado de uma “defasagem” da “unidade mágica primitiva”. Ela é, portanto, uma fase da cultura, e sua particularidade está em desenvolver as “qualidades de fundo” que estavam ainda confundidas com a “figuras” na “unidade mágica primitiva”. Isso significa que a religião, por sua função de totalidade unificante, é ao mesmo tempo simultânea, complementar e simétrica relativamente à técnica, que desenvolve por sua vez as “figuras” sob a forma de elementos destacáveis do fundo e removíveis. Por isso mesmo a religião e a técnica engendram no mundo os primeiros *Sujeitos* – o divino, o padre – e os primeiros *Objetos* – os artefatos.

### **SUBSTANCIALISMO [*Substantialisme*]**

A oposição maior de Simondon ao hilemorfismo não é senão um caso privilegiado de sua oposição mais geral ao substancialismo, do qual o hilemorfismo é uma figura disfarçada ou sutil – pois tendo a pretensão, contra o substancialismo atomista, de dar conta da gênese do indivíduo. Com efeito, o substancialismo é, para Simondon, a doutrina que coloca um “princípio de individuação” não-engendrado,

que esse princípio seja o indivíduo ele mesmo enquanto que indivisível (*atomos*), ou a forma, ou a matéria. Em HNI, Simondon faz de Leibniz o representante por excelência do substancialismo, na medida em que, em Leibniz, “a noção de indivíduo é universalizada porque tudo é indivíduo no mundo: só há indivíduos, e esses indivíduos são substanciais” (ILFI, p. 454).

## SUJEITO [*Sujet*]

Essa noção possui três sentidos em Simondon:

Num sentido já um pouco diferente do sentido clássico, o sujeito é esse que é capaz de sintetizar. É nesse sentido que o Capítulo I da Terceira Parte de MEOT tematiza a técnica e a religião como duas “fases” complementares da cultura que fazem aparecer respectivamente os primeiros objetos e os primeiros sujeitos. Vemos que aqui o sujeito, padre ou divindade, é precisamente síntese — ele encarna a “função de totalidade” da religião — sem por isso ser o que confronta o objeto, o qual advém da técnica;

Em seu combate contra o corte “antropológico”, Simondon nomeia “sujeito” o ser bio-psíquico que resulta do “desdobramento somato-psíquico” interno ao vivente, e que é capaz de ação, de percepção e de emoção. O homem não tem, portanto, o monopólio do ser-sujeito, mesmo se ele é o ser em que o sujeito acede verdadeiramente à “transindividualidade”, por isso à “personalidade” (ver essas palavras no glossário);

O sujeito é igualmente, e talvez, sobretudo, o conjunto composto do indivíduo e de sua carga pré-individual (ver essas palavras no glossário).

A *ligação* entre o segundo e o terceiro sentido é a seguinte: em se individualizando pelo desdobramento somato-psíquico, o animal se torna um “sujeito” que não é mais o simples indivíduo, mas o conjunto indivíduo/carga pré-individual, sua afetividade psíquica podendo, com efeito, recolher a metaestabilidade mantida nele. A passagem ao transindividual é então a individuação dessa carga afetiva pré-individual

pelo viés do coletivo, o que distingue o transindividual de toda simples “inter-individualidade” ou mesmo de toda “inter-subjetividade”.

### **TÉCNICA/TRABALHO [*Technique/Travail*]**

Essa oposição é fundamental, e marca toda a originalidade de Simondon. Desde o capítulo II de NC, que faz a transição entre ILFI e MEOT, Simondon afirma que “os ‘especialistas’ não são verdadeiros técnicos, mas trabalhadores” (IPC, p. 263 ou ILFI, p. 512 [519]). O trabalho, no estreito sentido que possui essa noção em Simondon, não advém da transindividualidade, mas da interindividualidade. Os seres não são, neste caso, mobilizados como “sujeitos” no sentido que Simondon deu a esse termo desde ILFI, ou seja, como portadores de uma carga de natureza pré-individual lhes permitindo se transindividualizar. A relação de trabalho coloca em relação apenas os indivíduos – como – já individuados. A esse primeiro aspecto do trabalho se adiciona outro aspecto, que vem completá-lo, mas que permanece em verdade também estranho ao transindividual: no trabalho em sentido estreito, privilegiado por Simondon, a relação interindividual entre trabalhadores é também uma relação da espécie humana à natureza. Mas, toda vez, falta o transindividual, porque a humanidade não se realiza precisamente no trabalho no sentido estreito do termo, sempre demasiado pobre para fundar uma transindividualidade: o trabalho adiciona o intrassocial ao interindividual, mas essa conjunção mesma não engendra a transindividualidade, ela advém apenas da “comunidade” tal como a criticou ILFI.

Ao contrário, a atividade de invenção técnica fornece o “suporte” de uma relação humana que é “modelo da transindividualidade” (MEOT, p. 247 [360]). Já NC fazia do técnico um “indivíduo puro: em uma comunidade, ele é como de uma outra espécie. (...) a normatividade técnica é intrínseca e absoluta; pode-se mesmo notar que é pela técnica que a penetração de uma normatividade nova em uma comunidade fechada é tornada possível” (IPC, p. 263 e 265 ou ILFI, p. 512 e 514 [518 e 521]). Que a normatividade técnica seja intrínseca e absoluta, isso significa que a

adoção ou a recusa de um objeto técnico por uma sociedade não significa nada a favor ou contra a validade desse objeto, explica Simondon nessa passagem em todos os aspectos decisiva: aqui, com efeito, tudo se conecta, já que foi esta mesma passagem de NC que, a propósito da “naturalização”, abordava a convergência entre ciência e técnica. Não se pode compreender a afirmação por Simondon de uma normatividade técnica se não se distingue de um lado entre transindividualidade e comunidade, e se de outro lado não se visa a técnica como se concretizando ultimamente no conjunto informacional dos instrumentos científicos contemporâneos, através dos quais se elabora uma transindividualidade humana cuja conexão com a natureza é, com efeito, mediada pela máquina: “Os indivíduos livres são aqueles que efetuam a pesquisa, e instituem deste modo uma relação com o objeto não social” (NC, in IPC, p. 263 ou ILFI, p. 340 [520]).

### **TECNOLOGIA E TECNÓLOGO [*Technologie et technologue*]**

O sentido ordinário da palavra “tecno-*logia*” designa as técnicas modernas enquanto aplicações do *logos* da ciência. O próprio Simondon dá a essa palavra o sentido de estudo (*logos*) da técnica. Uma das grandes teses de MEOT é que “o pensamento filosófico deve operar a integração da realidade técnica à cultura universal, fundando uma tecnologia” (título do último subcapítulo da Segunda Parte). O *tecnólogo* – que Simondon nomeia igualmente “mecnólogo” (MEOT, p. 13 [49]) – é então o homem que permite “devolver à cultura o caráter verdadeiramente geral que ela perdeu”: para ele, mais do que o “psicólogo” ou o “sociólogo”, podemos “reintroduzir nela [a cultura] a consciência da natureza das máquinas, das relações recíprocas destas e de suas relações com o homem, e dos valores presentes nessas relações” (MEOT, p. 13 [48-49]). Sobre esse ponto, ver igualmente “Cultura e cultura técnica”.

## **TRANSDUÇÃO [*Transduction*]**

Como havia feito Jean Piaget, Simondon retoma também esta noção ao mesmo tempo tecnológica e neurobiológica para lhe dar um sentido novo, que se tornará absolutamente central no pensamento da individuação. Em Piaget, ela designava uma operação mental distinta ao mesmo tempo da dedução e da indução. Igualmente em Simondon, mas como a noção de ontogênese, a noção de transdução designa de início o processo de individuação do próprio real. É por isso que a transdução se define como “uma operação física, biológica, mental, social, pela qual uma atividade se propaga pouco a pouco no interior de um domínio, fundando essa propagação sobre uma estruturação do domínio operado de próximo em próximo” (ILFI, p. 32 [29]). O paradigma ou caso exemplar da transdução é, pois, a *cristalização*, enquanto “imagem mais simples da operação transdutiva” (ILFI, p. 33 [29]). Está subentendido aqui que a noção de transdução é suscetível de *autocomplexificação*, a fim de poder se aplicar aos diferentes regimes de individuação. Por isso, a “transposição” dos esquemas físicos utilizados por Simondon é, ao mesmo tempo, uma “composição” (ILFI, p. 319 [490-91]) que permite evitar o *reducionismo*. A noção de transdução permite igualmente a Simondon fundar um novo pensamento da *analogia*.

## **TRANSINDIVIDUAL/INTERINDIVIDUAL [*Transindividuel/interindividuel*]**

Essa oposição é decisiva para compreender o que é o “regime” (ver essa palavra no glossário) psicossocial ou “transindividual” de individuação, mas também para compreender o valor da invenção técnica:

O transindividual, em primeiro lugar, se define como a “unidade sistemática da individuação interior (psíquica) e da individuação exterior (coletiva)” (IPC, p. 19 ou ILFI, p. 29 [23]). Ele não é, pois, um simples colocar em relação dos indivíduos, tal como é o interindividual. O transindividual faz intervir os “sujeitos” (ver essa

palavra no glossário) enquanto eles portam uma carga de realidade pré-individual. O erro do psicologismo – que só vê o *interindividual* – como do sociologismo – que só vê o *intrassocial* – é de ter esquecido essa realidade do sujeito que é “mais vasta que o indivíduo” (MEOT, p. 248 [360]), e que sozinha permite explicar o nascimento do “coletivo real” *mas também* a realização última do psiquismo individual se tornando “personalidade”;

Em seguida, e como já foi explicado no quadro da oposição “Técnica/trabalho” (ver esse par nocional no glossário), o transindividual possui por paradigma a relação humana da qual o objeto técnico inventado é o “suporte”, diz Simondon em MEOT. Adicionamos aqui que os *conjuntos informacionais contemporâneos* são aquilo pelo qual a justa “moderna” comunidade humana do trabalho – oriunda da revolução industrial –, que era feita de relações simplesmente *inter*-individuais e se encontrava por vezes alienada pela máquina, pode agora se construir como *transindividualidade* indissociavelmente humana e técnica. Tal já era o propósito de Simondon em NC, onde o “valor do diálogo do indivíduo com o objeto técnico” era “de criar um domínio do transindividual distinto da comunidade” (ILFI, p. 515 [524] ou ILFI, p. 268 [409-10]).

## UNIDADE MÁGICA PRIMITIVA

No Capítulo I da Terceira Parte de MEOT, a teoria das “fases da cultura” faz derivar a religião e a técnica de uma “unidade mágica primitiva” que, sendo primeira, não é ainda realmente uma fase se toda fase apenas existe relativamente a outras. O “modo mágico de existência” é, deste modo, definido por Simondon como situando-se “imediatamente acima de uma relação que seria simplesmente aquela do vivente com seu meio” (MEOT, p. 156 [236]). Nele apenas existem “pontos-chave” naturais, como o cume de uma montanha ou cerne de uma floresta.

Tal situação primeira do homem, e de modo mais geral a teoria das fases da cultura em seu conjunto, engaja um grande problema de interpretação. MEOT fala

muito frequentemente da gênese das fases da cultura como ele falaria de uma história na qual a “unidade mágica primitiva” daria lugar por “defasagem” à bipolaridade técnica/religião etc. Mas desde a “teoria das fases do ser” de ILFI, e como lembra MEOT, as fases não são momentos temporais, contrariamente ao que o modo de expressão de Simondon poderia fazer acreditar. Se a unidade mágica primitiva descrita por Simondon não contém artefatos e precede o aparecimento da técnica, enquanto mesmo na história da humanidade os artefatos são constitutivos do devir-homem, é que ela é não uma origem histórica, mas genética, e um ponto de partida obrigatório para uma nova fenomenologia do espírito – transdutiva ao invés de dialética. Simondon proporia, então, não uma história, mas uma eidética genética, a tecnicidade e a religiosidade sendo essências enquanto modos de ser-no-mundo, ligadas pelas leis de transformação.

Afastemos, aqui, outra tentação que consistiria em permanecer na ideia de uma “história” sob pretexto que, de todo modo, o “mágico” em Simondon seria muito mais rudimentar que a conexão mágica com o mundo descrita pelos etnólogos de sua época. Partir-se-ia, aqui, de uma situação que poderia se aplicar aos próprios primatas enquanto seres já psicossociais. Mas, além da negligência que ela manifesta quanto à distinção entre as fases da cultura e dos momentos temporais, essa nova “solução” esquece que “o mágico” de Simondon não pode ser uma versão empobrecida daquele dos etnólogos porque Simondon, quando ele evoca a diferença entre a superstição e o que ele chama o “mágico”, enfatiza que este último certamente é “primitivo”, mas “rico” (MEOT, p. 166 [250]). “O mágico” é, então, uma realidade propriamente humana e não poderia ser considerada como um estágio pré-humano inaugurando a história humana.

\* \* \*

CADERNOS PET FILOSOFIA UFPR

Recebido 05/04/2023

Aprovado 03/11/2023

Licença CC BY-NC 4.0

